

OS VELHOS PEDEM UM TERCEIRO ATO

Adriano Portela*

*Escritor. Doutorando em Teoria da Literatura – UFPE. Mestre em Teoria da Literatura – UFPE.. Autor do romance A última volta do ponteiro (Prêmio internacional José de Alencar 2012, UBE/RJ). Professor da Escola Superior de Marketing – FAMA. Jornalista e diretor de cinema. reporterportela@gmail.com

*Ô ôô saudade
Saudade tão grande¹
Antônio Maria*

*Engraçado,
Parte da minha vida
Cabe neste saco,
Surpresa, sonho,
Su-a-vida-infância.
Momentos meus,
Mágicos, maravilhosos,
Marcantes: MENINICES²
Robson Teles*

Viver do sonho, da ilusão. Sentir e ao mesmo tempo repreender emoções. Cada momento que passa me vejo mais distante, mais sombrio, detecto a solidão permanente. Olho para frente e enxergo o vazio; o caminhar do tapete vermelho central já não tem o brilho dos tempos de outrora, agora o mofo e os vermes conduzem uma trilha secular para o abismo. Meus braços não sustentam tanto peso, esse despencar do desprezo que acarreta numa falência múltipla dos meus alicerces. Mudo de cor, camadas vão largando de mim.

Ah, como gostava daqueles tempos de glória, onde a sinfonia entoava os ouvidos e proporcionava encantos e devaneios. As damas soluçavam com as histórias projetadas, os amantes aproveitavam o escuro e os artistas contemplavam o belo e como era belo observar o movimento das árvores dos jardins. Os enamorados ficavam nos bancos, debaixo das galhas - eram beijos excitantes – e tudo era permitido antes do espetáculo.

Lá no salão nobre dava para escutar as pessoas se vangloriando por estarem ali enaltecendo tudo, até as poltronas. “Estas daqui, cara senhorita, datam da década de 50”. “Nessa sentou-se o comendador Bento Luis de Aguiar, homem honradíssimo”. “Já aquela lá era a preferida do Suassuna”.

Dos autores, Shakespeare era o predileto. Quantos e quantos não disseram que havia algo de podre no reino da Dinamarca? E muitos dos atores levavam para sempre a experiência do “estar aqui”. Quando as peças se encerravam, também era fácil se escutar favoráveis comentários em prol da casa de espetáculo. O próprio Shakespeare diria que “aquele que gosta de ser adulado é digno do adulator.”.

Um grande encenador certa vez me falou que uma cidade só tem valor se tiver um monumental teatro. E eu concordo divinamente com ele. Ah, se todos pensassem como ele, aliás, se todos seguissem o que os gregos já ensinavam anos antes de Cristo, o mundo seria outro. Oh, Dionísio, porque não te veneram mais?! Peço para que castigues sem piedade. O sofrimento está no curso errado, faz-se necessário um redirecionamento. Os deuses não me escutam mais.

Preciso confessar, estou com uma vergonha tão grande deste nosso diálogo que fico com medo de me comunicar em primeira pessoa, sabia? Com medo que você me ache um louco. Mas não se sinta tão perturbado com isto. Eu falo mesmo com poucos. Tem uma pessoa que ainda hoje conversa comigo, talvez a única. Essa atriz, essa dama dos palcos recifenses – malévolos dizem que ela enlouqueceu, mas é mentira, loucos são eles – que me faz companhia há muito tempo. Lembro-me dela tão

segura de si em “dona Mocinha”, em “Um sábado e 30”, sucesso do Teatro de Amadores de Pernambuco, TAP. Ah, como me recordo... e hoje ficamos a nos lamuriar da vida e da morte próxima.

E porque nos taxam de loucos? Não entendo. Só porque nos falamos? Por que ela me encara e diz que está morrendo de pena de mim? Por quê? Estão nos vendo como entulhos, é isso?

Deixem-na em paz! É a mim que vocês querem destruir. Eu sou a vítima de assassinato. Sou um entulho nessa cidade onde os velhos parecem não ter vez e voz. Não adianta se muito fizemos, se alegrias e emoções proporcionamos. Devemos ser entregues às baratas para sermos tripudiados – sentir aquelas patinhas fininhas dos insetos que nos humilham e nos torturam.

Mas porque você não faz como a minha amiga? Eu quero que me olhe, que me questione, me provoque. Devias chegar aqui e dizer que eu não valho nada... Ao menos seria uma justificativa plausível. Eu falo com vossa excelência desta bruta maneira porque outros covardes como você também nada fizeram para resolver minhas lamentações bem fundadas.

Não adianta mais esse papo de que eu mereço atenção e que sou um velho importante nesta porra desta cidade! Não caio mais nessa. Para o meu amigo Shakespeare todo mundo é capaz de dominar uma dor – exceto quem a sente – então, tente se por no meu lugar.

Já sei... é por isso que me chamam de doido, descobri. É porque aquela música clássica eu não toco mais, os filmes não exibem mais... O teatro! ah, o teatro... Então o que faço hoje? Digo a cada um que passa e me olha uma só palavra: Socorro! Ei... psiu! Socorro... Eiii, socorro... Só isso.

Estou realmente “estatelado”. Mário Quintana dizia que a saudade é que faz as coisas pararem no tempo. No meu caso, isso vai além da saudade: entra no tortuoso caminho do descaso público. Veja você, meu caro leitor, a que ponto precisei chegar! Estou aqui me rastejando e pedindo ajuda. Por favor, eu só quero voltar aos meus tempos de paz.

Você me conhece.

Chamo-me Alegria. Alguns me conhecem por Encanto; outros me veem como mágico. A maioria me atrela à saudade... Eu tenho um nome composto quase desfeito no pó. Eu sou o *Teatro do Parque* e lembro-me de você. Estavas sorrindo e com olhos fascinantes me olhando. Observava-me as laterais, me contemplava de cima a baixo e hoje – ah, o hoje –, apieda-se de mim.

Meu nobre amigo, se veres alguém, qualquer um que seja, clamas por mim. Pede ajuda para essa casa tão abandonada. Tenho tanto para dar ao Recife ainda... a essa cidade que amo e que hoje só faço contemplar e nada mais...

Não quero mais te importunar, nem te levar minha depressão. Só te digo que, se um dia de fato eu deixar de existir, levarei comigo aquele teu sorriso encantador ao abrir e fechar das minhas cortinas vermelhas. Na história eu já estou, mas lutarei até o

fim pelo meu terceiro ato!

Evoé, Recife!

*Que os deuses não me abandonem,
porque isso os “homens do povo” já o fizeram.*

Até breve!

*Recife inteiro vai render
Ave Maria ao pé do altar³
J. Michiles.*

Notas

¹ Frevo N. 1, de Antônio Maria.

² Peça *Como se fora brincadeira-de-roda*, de Robson Teles

³ Frevo Recife Manhã de Sol, de J. Michiles.